

O “Cuidar” na Obra da Rainha Santa Isabel

Nídia Salgueiro *



“Outras vezes entrava no seu hospital onde tinha & sustentava os pobres, os quais consolava como Mãe, curava como enfermeira, & servia como criada.”



*(Frei Escobar, 1680;
In Crespo, 1942, 1972, p. 32)*

Porque no período consagrado à elaboração da REFERÊNCIA ocorreu a celebração do aniversário da morte da Rainha Santa Isabel (4 de Julho de 1336), pareceu-me interessante elaborar um pequeno apontamento sobre esta mulher extraordinária, muito para além do seu tempo, que ora se ocupa de missões políticas e de paz, ora intercede a favor dos que carecem de justiça, se ocupa dos pobres, dos mais desprotegidos e marginalizados socialmente, que acolhe em instituições por si criadas e governadas, que cuida e cura com as próprias mãos as chagas do corpo e da alma fazendo verdadeiros milagres. A nossa tão querida Rainha, que o povo apelidou de Santa muito antes de Urbano VIII a ter canonizado em Maio de 1625 e Coimbra fez sua Padroeira.

O espaço consignado a este apontamento obriga a que trate somente de alguns aspectos

ligados a esta ilustre figura. Considerando os objectivos da revista, enfatizei os relacionados com a nossa área de intervenção e excluí outros de tão grande beleza que muito me agradaria também abordar.

Quem foi afinal a Rainha Santa?

Convém lembrar que a Princesa Isabel de Aragão, filha mais velha do Rei de Aragão, D. Pedro “O Grande” e de D. Constança, neta de D. Jaime “O Conquistador” e de D. Violante da Hungria, se tornou Rainha de Portugal e do Algarve pelo seu casamento com D. Dinis, o nosso ilustre “Rei Lavrador”, em 11 de Fevereiro de 1282. O matrimónio foi realizado em Barcelona, estando presente D. Isabel, em pessoa, e D. Dinis, por procuração. Após os estudos de VASCONCELOS (1894), corroborados por RODRIGUES (1958), chega-se à

* Enfermeira, Professora aposentada da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

conclusão que teria já atingido a idade legal (12 anos) para contrair matrimónio (muito provavelmente esse dia foi também o do seu aniversário), dando o seu consentimento por si própria “*Eggo Helisabet filia excellentis domini Petri dei gratia Illustris Regis Aragonie trado corpus meum in uxorem legitiman domino Dionisio (...) et consensum meum super ipso matrimonio (...)*” (Transcrição. In RODRIGUES, 1958, p. 5).

Ligando os termos da celebração do matrimónio, termos de presente (matrimónio) e não de futuro (esponsórios) e documentos relacionados com acontecimentos descritos na Relação ou Lenda⁽¹⁾, VASCONCELOS (1894) chega à conclusão que a Rainha teria nascido em 1270, muito provavelmente a 11 de Fevereiro, refutando com argumentos convincentes, o ano de 1271, considerado até aos seus estudos, mas não comprovado documentalmente. Também não há documentos comprovativos do local do seu nascimento, que é referido como tendo ocorrido no Palácio da Aljaferia em Saragoça, onde há placa alusiva ao facto.

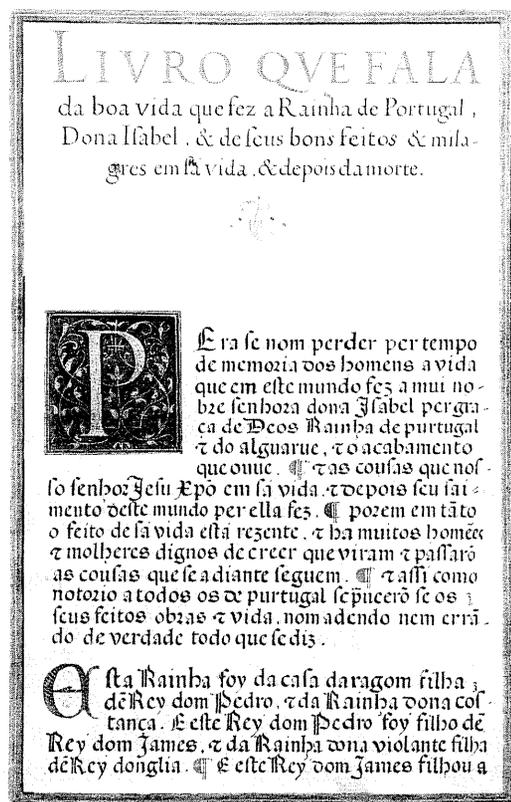
Não cabe aqui descrever pormenores. No entanto, é de realçar a idade legal de 12 anos feitos, para contrair matrimónio por si mesma, que era a que vigorava no Século XIII (hoje seria pedofilia). Uma menina, em idade de brincar, de quem o pai se despede em Valença, cheio de dor e de incerteza, quando a entrega aos nobres que a acompanham a Bragança, onde a espera D. Afonso, irmão de D. Dinis, que a conduz a Trancoso onde se encontra com o Rei, seu marido, e se celebraram as bodas.

O autor da “*Relaçam*”, descreve aquele momento dramático, em que o pai a abraçava e chorava dizendo: “*Viste homem de tão pouco recado ver partir de si para nunca ver a cousa do mundo que melhor quer e mais amada e benzendo-a por vezes, e dizendo, filha tu vais para outra terra, eu e tanto*

⁽¹⁾ *Relaçam* ou *Lenda* – Manuscrito de autor desconhecido que devia estar muito próximo da Rainha. Escrito no primeiro anos a seguir à sua morte, com os acontecimentos muito vivos. O original desapareceu. A cópia, datada de 1592, que existe no Museu Machado de Castro – *LIVRO QUE FALA DA BOA VIDA QUE FEZ A RAINHA DE PORTUGAL DONA ISABEL E DE SEUS BONS FEITOS E MILAGRES EM SA VIDA E DEPOIS DA MORTE* – foi reproduzida por Frei Francisco Brandão, no apêndice da parte VI da sua obra *Monarchia Lusitana* (1672), dando-lhe o título de *Relaçam da Vida da Gloriosa Santa Isabel Rainha de Portugal*. É vulgarmente conhecida por *Lenda da Rainha Santa*. Os autores consideram-na uma obra credível e muito do seu conteúdo tem sido confirmado pela análise de documentos fidedignos.

tenho por entendida e castigada que não seu mais que te aconselhe (...)” (In BRANDÃO, 1672, p. 498, manuscrito, folha 3).

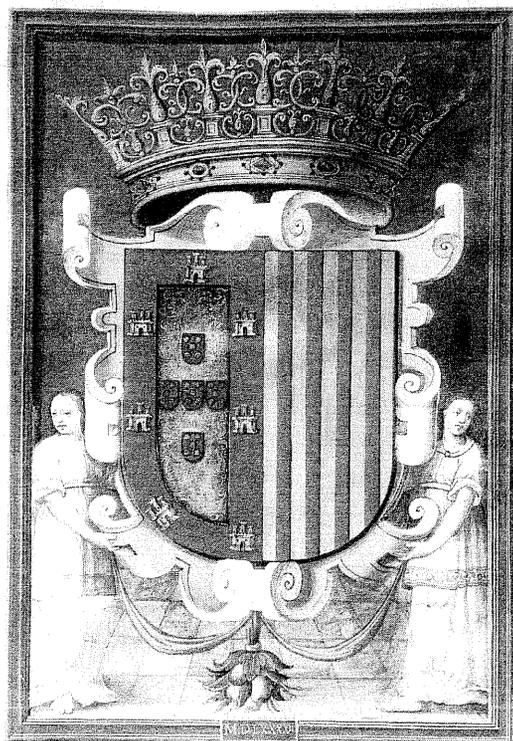
A menina mostrou-se à altura da Corte, que a acolheu como Rainha, e acima das intrigas e devaneios do Rei. “*D. Dinis induzido por alguns, para o luxuriarem e o afastarem da Casa da Rainha, começou a ter barregans e mulheres mancebas e a ter filhos delas e quando lho vinham dizer dava a entender que não dava importância (...), os filhos que viessem ante ela dava-lhes de vestir e comer e criava-os – criou 9 filhos bastardos, sendo um de cada mãe (Crespo, 1972, p. 24). E, maravilhando-se os da terra por ser de tão pouco tempo menina e manceba e ser de tanto entendimento (...)*” (*Relaçam*. In BRANDÃO, 1672, p. 501, manuscrito folha 5).



Primeira meia folha escrita, com letra iluminada a ouro (Manuscrito referido na nota de rodapé (1592) - Museu Machado de Castro).

Obra Assistencial

Cedo inicia a sua obra de bem fazer, que vai desde o mitigar a fome e dar agasalho aos pobres, até a uma obra de maior alcance no combate aos males sociais, como a prevenção da prostituição ou a criação de instituições para acolher os meninos desamparados, os idosos, os doentes. Como refere CRESPO (1972), a sua obra foi “até certo ponto revolucionária” (p. 21). E, o povo retribuiu aquelas provas de amor fraterno, criando, por ex., o mito conhecido por *Milagre das Rosas*, milagre que é atribuído também à sua tia-avó Rainha Santa Isabel da Hungria, de quem a Rainha Santa era fervorosa devota, e a Santa Cassilda (filha de um rei mouro de Toledo, que se ocultava de seu pai para socorrer os cativos).



Meia folha esquerda, antes da escrita, em pergaminho, com estampa iluminada a ouro, representando as armas da Rainha Santa (Manuscrito referido na nota de rodapé (1592) - Museu Machado de Castro).

Não resisto à tentação de contar um episódio passado numa visita de estudo à Escola de Enfermagem de Bruges, na Bélgica – Ficámos admirados de ver ali uma escultura da Rainha Santa (Elisabeth Regina), com as rosas a cair do regaço e, ao que nos foi dito, era a padroeira daquela escola. Orgulhosos, indagámos como tinha nascido a devoção à nossa Rainha Santa, o que de certo modo não era muito de estranhar, dadas as relações havidas entre Burges e Coimbra. Foi-nos contado, então, o *Milagre das Rosas*, tal como o conhecemos, mas de Santa Isabel da Hungria.

Quem ler atentamente os seus testamentos e o codicillo, em forma de doação (transcritos no tomo 2 da obra de VASCONCELOS, 1894), e os estudos dos seus investigadores, não deixará, por certo, de ficar impressionado com a quantidade de instituições por si criadas e/ou sustentadas. CRESPO (1972) refere que “abria a sua bolsa, hipotecava os seus haveres para fundar hospitais, conventos, albergues, gafarias, casas de regeneração, orfanatos” e que se lhe deve a fundação dos primeiros estabelecimentos de assistência particular em Portugal (p. 22).

De realçar, que a Rainha não se limitava a criar passivamente estes estabelecimentos assistenciais, ela dirigia a sua construção – “*e veer as obras que ella fazer mandava como se fazião, ca todas as casas que ella fazer mandava todo se fazia segundo ella decisava, de guisa o mandava fazer que aqueles mesteiros a que o ella mandava fazer se maravilhavam de entender assi, e mandar fazer, e em como os presmava, e corregia em aquilo que lauravão e fazião (Relaçam ou Lenda)*”. Preocupava-se com a filosofia a seguir naquelas casas e regulamentava o seu funcionamento, de que daremos alguns exemplos.

Os Órfãos de Lisboa, Leiria, Óbidos, Coimbra e Santarém são contemplados nos seus testamentos, no entanto, parece nutrir um afecto muito especial pelo Hospital dos Enjeitados ou Inocentes de Santarém, que fundou em 1321 e sustentava exclusivamente à sua custa. Nele se recolhiam enjeitados e abandonados, criando-os e ensinando-lhes um ofício antes de lhes abrir as portas para o mundo, mas se um dia caíssem em desgraça, o hospital recebia-os de novo, para os manter e tratar

“E isto dizia que mandava fazer porque estes em aquelle logar criados não sabidos padres, nem madres, nem parentes. E porque era de razão que na necessidade em que houvessem occorrimto a este logar que os criara em logo de madres” (CRESPO, 1972, p. 24; *Relaçam*. In BRANDÃO, 1672, p. 511, manuscrito folha 12).

Estamos no Ano Internacional do Idoso, mas há 680 anos já esta Mulher Santa e Rainha se preocupava largamente com os Velhos e Velhas, inclusive os desta cidade de Coimbra, onde viveu e os seus restos mortais repousam, incorruptos. Com efeito, funda, junto aos Mosteiro de Santa Clara (o velho monumento gótico junto ao Portugal dos Pequenitos), nas casas do palácio dianteiro, o seu “*Espital de Ssanta Helisabel*”, para 15 homens e 15 mulheres de 50 anos e mais. São interessantíssimas as suas disposições testamentárias e as descritas no Codicillo, em forma de doação, (VASCONCELOS, 1894, tomo 2) e o que na *Relaçam* é referido sobre o seu modo de funcionamento. O hospital era para



Meia folha direita, antes da escrita, em pergaminho, com estampa iluminada a ouro, representando a Rainha Santa vestida de Clarissa (Manuscrito referido na nota de rodapé (1592) - Museu Machado de Castro).

funcionar depois da sua morte, porque em vida ela própria cuidava dos pobres e enfermos, mas quando faleceu, já estava aberto e com os 15 homens e as 15 mulheres. Pensa-se que teria entrado em funcionamento em 1333, quando ocorreu uma fome horrorosa em toda a península. As terras ficaram estêreis e não era possível socorrer-se de outras regiões, devido aos preços altíssimos dos bens de primeira necessidade. A Rainha acudia com os seus cuidados aos enfermos, providenciava para que se sufragassem e enterrassem os mortos, mitigava a fome e dava agasalho com o “seu haver”. De tal forma que chegou a ser repreendida por tamanho esforço e porque dava o que amanhã lhe faria falta, e que pereceria ela também. Respondia, que pereceria ela se não acoresse, ficaria com a culpa da sua morte e que *Deos* acorreria e a ela daria provimento (BRANDÃO, 1672; manuscrito folha 9).

O hospital seria entregue à Abadessa do Mosteiro de Santa Clara, depois da sua morte, se não houvesse uma parente escolhida por ela, que quisesse tomá-lo a seu cargo. Que esta “*reja e guarde para si, ou para pessoa edonea o dito hospital*” que se destina a 15 homens e 15 mulheres de 50 e mais anos, “*pobres de vergona e de boa vida*”, alojados em casas separadas. Aqui se vê a preocupação com a satisfação das necessidades básicas. É uma precursora da dietista hospitalar, quando fixa a dieta dos internados “*Outro ssim mandamos e ordinhamos que os ditos pobres aia cada humm deles en sa vida para sseu comer e para sseu beber trinta e duas onças de pam cozido e huma tagara de vinho comunal e dous arataes de carneyro ou de porco ou de vaca (...) e ao dia que ôuverem de comer pescado darenlho como virem que seera convenhavi*”. O vestir e agasalho são descritos em pormenores, fixando até o preço dos tecidos. Mas, vai mais longe: visita os enfermos e “por vezes apresentava a eles o que havião de comer” (*Relaçam*. In BRANDÃO, p. 515 e manuscrito folha 15). Faz também providências para que o hospital se possa manter, depois da sua morte.

Ainda em Coimbra, fundou um hospital de Velhas Inválidas que era “um recolhimento de mulheres pobres honradas, a quem a vergonha de

pedir esmola fazia maior a sua necessidade” (CRESPO, 1972, p. 25). E em Leiria o Hospital de Velhas Entrevadas. São alguns exemplos das várias referências à protecção que dedicou aos idosos.

Os gafos merecem-lhe também particular atenção, estando contemplados nos seus testamentos os de Lisboa, Santarém, Leiria, Óbidos e Coimbra.

Foram muitas as Albergarias que fundou para acomodar pobres passageiros e doentes (Azoeira, Estremoz, Odivelas, Alenquer). A de Alenquer merece que se deixe uma nota sobre ela, pois a sua fundação está ligada a uma fase dolorosa da sua vida.

Como se sabe, as intrigas na Corte e o carácter do Príncipe D. Afonso levaram a desavenças sérias entre este e o seu Pai, levantando armas um contra o outro. Foram episódios dolorosos para aquela esposa e mãe que a obrigam a interceder em Coimbra (Manuscrito folha 8), em Loures, a duas horas de Lisboa (folha 9) (algumas historiadores dizem Alvalade) e mais tarde em Leiria. D. Afonso desconfiava que D. Dinis o queria deserdar em favor de seu filho bastardo D. Afonso Sanches (que tinha pela rainha uma dedicação muito especial e esta muito confiava nele) e D. Dinis desconfiava que a rainha socorria o filho e o informava. Desta intriga, de que há carta do Papa para D. Afonso a desmentir que alguma vez D. Dinis lhe tivesse pedido a legitimação daquele seu filho, para o fazer herdeiro, resultou o desterro da Rainha para a Vila de Alenquer, onde D. Dinis lhe fixou residência, desapossando-a das rendas e terras que tão generosamente lhe tinha dado. Os alcaides dos seus castelos, os cavaleiros das suas vilas, sabendo isto, vêm oferecer-se para levantar armas por ela. Delicadamente, recusa e só sai de Alenquer quando sabe que o seu filho saiu de Guimarães com as suas hostes para lutar contra o pai. Encontra-os em Leiria, e da sua intervenção junto do pai e do filho resulta que os dois se abraçam e se perdoam mutuamente.

Mas, o tempo de Alenquer não foi em vão, encontra na oração e no trabalho caritativo lenitivo para a sua dor, fundando nas casas do Paço a Albergaria, onde ela própria se ocupava diariamente de cuidar dos doentes e lavar as suas roupas (CRESPO, 1972, p. 26). Depois, entrega aos moradores de Alenquer e “seus termos” esta casa,

estabelecendo uma irmandade, para a dirigir conforme as intenções da sua fundadora. Da sua passagem por Alenquer, regista aquele investigador um milagre, transcrevendo uma memória de um livro do cartório daquela casa, feito pelo escrivão da Confraria, Francisco Teles, em 1561, que dizia que num livro velho existente na Câmara da Vila havia uma escritura feita por um tabelião, na qual constava que D. Isabel sonhara que era vontade de Deus que ela fundasse uma igreja do Espírito Santo, junto ao rio, e quando foram abrir os alicerces, já os encontraram riscados e principiados, sem se saber por quem, não havendo na véspera sinal de qualquer obra. E, que no primeiro dia da construção, a Rainha foi ver o início das obras, dando a cada pedreiro e servente uma rosa, que estes guardaram em sítio oculto. Ao largar o trabalho foram pelas rosas e encontraram no lugar de cada rosa um dobrão de ouro.

Seria este facto que veio a dar origem à lenda do *Milagre das Rosas*?

em o que diziam . e ellas nomudando seu propo-
sito . e prometimento entraram por freiras em aq-
uel moesteiro em hũa dia de ramos seendo hi el Rey seu
filho . e a Rainha dona beatrix sa molher que fa-
ziam muita honra a quella rica dona que era sa cri-
ada . e esta sobrinha desta Rainha foy depois a se-
gunda abba dessa em aquel moesteiro . e dizian lhe
dona Isabel de cardona por que era filha de dom ra-
mon de cardona . e de dona beatrix irmaa desta ra-
inha . aq̃l el Rey dom Pedro daragom padre desta
Rainha ouuea de hũa infante daragom .
Ante as casas da sa morada que para sy . e os
seus fez fazer . e fez fazer hũa capella cõ seu
cimiterio . e casas para ospital em que pos
quinze irmãos pobres . e quinze molheres pobres .
e os homes pos em sa casa apartada . e as molhe-
res em outra . e a capella namentade das casas . e a
estas pobres certas rações de pan . e de vinho . e de
carne . e peçado segundo odia era . e leitõs para do-
mirem . e de vestir em cada hũa anno . e ordinou que
cada dia viessem ouuir as horas canonicas em aq̃lla
capella de hũa capelaõ que ella pos em ella com seu
mozinho que fossẽm em aquella capella residentes .
e fez sagrar a quella capella com seu cimiterio . e
a Rainha per vezes vinha visitar os que em este es-
pital eram enfermos . e per sy apresentaua a elles
o que auiam a comer .
Acabada a igreja do moesteiro . e abobada fez
poer o moimento que ella ja tinha feito para
sa sepultura em meyo da igreja . e per razõ
do moimento que era muy grande . e per razõ da
grandizela . postas per darrador que tinhão grã
parte da igreja ficaua embargada muyto . e em a-
quel tempo que o moimento na igreja feya sobteico

Meia folha 15 que fala no hospital criado pela Rainha Santa
(Manuscrito referido na nota de rodapé (1592) - Museu
Machado de Castro).

À Albergaria de Odivelas deixa avultado legado, recomendando que a sua enfermaria seja tão grande como a de Alcobaça e deixa disposições sobre o seu equipamento. Manda que se comprem camas, pelos seus dinheiros, segundo a medida da sua cama – “*mando que comprão, refação pelos meus dinheiros segundo a medida da minha cama e item mando a esse mosterio de Odivelas para comprar herdamento para a enfermaria, mil ib. Item mando que os panos de sirgo que acharem à minha morte, do meu vestir façam vestimenta (...) e a liteira que ficar na minha casa (...)*” (CRESPO, 1972, p. 28).

A Rainha Cuidava

Até aqui demos alguns exemplos em que vemos a Rainha a dirigir a construção das casas que fundou, a estabelecer a filosofia do seu funcionamento, a deixar escritas as regras do seu funcionamento, entregando a direcção das mesmas a alguém que lhe dava garantias de as dirigir conforme o seu desejo, e até um início de democracia quando entrega o seu governo, como no caso de Alenquer, a uma irmandade, bem como a preocupação com a sua manutenção depois da sua morte. Igualmente, a sua preocupação com a satisfação das necessidades básicas, onde ela própria cuidava dos doentes e lhe dava o que “haviam de comer”.

Na nossa pesquisa encontrámos casos concretos que nos demonstram como ela cuida e cura as feridas dos mais necessitados. Ela “*visitava as enfermas pondo en elas as mãos mui sem nojo & mandando delas pençar, segundo a dor que havia ou demandava*” (*Relaçam*. In BRANDÃO, p. 508, Manuscrito folha 10). Tratar-se-ia de um gesto precursor do “tocar terapêutico”?

No dia da Ceia do Senhor, “*que se diz Caena Domini, lavava a certos pobres gafas os pés e lhos beijava & vestia de quecas, de pelotes & ceromees e dava-lhes de calçar (...)*” (*Relaçam*. In BRANDÃO, p. 508, manuscrito folha 10).

Numa destas cerimónias (*Relaçam*, In BRANDÃO, p. 530; CRESPO, 1972, p. 31), notou que uma das mulheres procurava esconder um dos pés,

esquivando-se a pô-lo na bacia, descobrindo-o, viu que tinha uma lesão “a que querião cair os dedos”. Brandão, diz que era um cangro. Então, lavou a ferida com todo o cuidado, sem nojo algum, como era seu costume, inclusive para as mutilações e ulcerações leprosas, tendo a ferida curado, a que o povo atribui a milagre. Vários autores falam deste acontecimento, embora descrevendo de forma diferente a lesão (mais ou menos exagerada).

Também lhe é atribuído o milagre de curar Soror Margarida Freire, do Convento de Chelas de Lisboa, que estava “*desahucinada de um tumor que teria en los pechos (...) e havendo chegado à los terminos de supuracion la teria atormentada com acerbos dolores, y sim esperança de remédio*” (Cornejo. In CRESPO, 1972, p. 32).

Um outro caso, descrito por vários autores (BRANDÃO (p. 530); CRESPO (p. 30) e RODRIGUES (p. 81), e igualmente interessante, foi o de colocar clara de ovo numa ferida sangrante. Estando a rainha em Santarém, na quaresma, mandou procurar todos os gafos e alojou-os no paço, onde ela própria os assistia. Entretanto, viu-se obrigada a despedi-los por motivo de reparos. À saída o porteiro agrediu um na cabeça, provocando-lhe uma ferida muito sangrante. Avisada do sucedido, por uma sua confidente, mandou conduzir o ferido a casa de uma Dona, foi visitá-lo “*& pos por sá mão em aquela chaga hua clara dovo*” (*Relaçam*, p. 530). Mas não se ficou por aqui, no dia seguinte foi vê-lo e saber como se sentia, dizendo-lhe o ferido que após a aplicação da clara de ovo tinha deixado de sangrar e de doer. CRESPO (1972) diz que a utilização está correcta.

De D. Dinis foi a diligente enfermeira, cuidando-o e aliviando-lhe as dores.

Para CRESPO (1972), ela exercia a medicina, para nós foi uma pioneira do “cuidar”. Na prática fervorosa das obras de misericórdia, ela utilizou um modelo holístico. São os ensinamentos do Mestre, escritos nos Evangelhos, que Ester Sirra demonstra, na sua tese de doutoramento, terem correspondência directa com a pirâmide de Maslow (SALGUEIRO, 1992).

Nota final

No âmbito deste apontamento não coube apresentar facetas desta ilustre figura que muitos nos agradaria, bem como as circunstâncias que rodearam a sua morte, e a incorruptibilidade do seu corpo. Também os aspectos apresentados foram tratados superficialmente. Fica-nos, no entanto, a satisfação de apresentar aos enfermeiros, nesta altura de balanço de fim de milénio, um pouco da obra de uma Mulher que, sem dúvida, uma figura marcante do segundo milénio.

Agradecimento

Queremos expressar a nossa gratidão ao Museu Machado de Castro, nas pessoas da sua Directora Dr.^a Adília Alarcão e seus colaboradores, pela cedência das fotografias do manuscrito do séc. XVI, que aqui reproduzimos.

Referências Bibliográficas

Livro que fala de boa vida que fez a Rainha de Portugal Dona Isabel & de seus bons feitos & milagres em sa vida & depois da morte. Manuscrito de autor desconhecido, escrito logo a seguir à sua morte. Trata-se de que há uma cópia do Século XVI, existente no Museu Nacional de Machado de Castro - Coimbra.

Relaçam da vida da gloriosa Santa Isabel, Rainha de Portugal. Tresladada de hum libro escrito de mão. In Francisco Brandão, *Monarchia Lusitana*, apêndice da parte VI (1672).

BRANDÃO, Frei Francisco (1672) – *Monarchia Lusitana*, parte VI. Lisboa: Oficina Joam da Costa (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, cota V.T., 11-10-1/8).

CRESPO, José (1972) – *Santa Isabel: na doença e na morte.* 2^a ed. Coimbra: Coimbra Editora (1^o ed. 1942).

RODRIGUES, Sebastião Antunes (1958) – *Rainha Santa: cartas inéditas e outros documentos.* Coimbra: Coimbra Editora.

VASCONCELOS, António Garcia Ribeiro (1894) – *Evolução do culto de D. Isabel de Aragão, esposa do rei Lavrador/Dom Dinis de Portugal (a Rainha Santa)*, vol. 1 e 2. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra (cota da Biblioteca geral da Universidade de Coimbra 6.6.6. nº 17 e 18).

SALGUEIRO, Nídia – Teoria e modelo de enfermagem baseado nos Evangelhos. *Cuidar*, nº 0 (Fevereiro 1992).